

“Porque eu gosto e principalmente funk, mas a professora não permite”¹: uma análise da percepção de alunos/as em relação a dança na educação física escolar²

“Why do I like and mainly funk, but the teacher does not allow”: an analysis of student’s perception of dance in physical education at school

"Porque me gusta y principalmente el funk, pero la profesora no me lo permite": un análisis de la percepción de alumnos / as en relación con la danza en la educación física escolar

Marcelo Victor da Rosa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Aquidauana/MS – Brasil

Iara Aparecida Rodrigues

Andrey Monteiro Borges

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Aquidauana/MS – Brasil

Antônio Carlos do Nascimento Osório

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Aquidauana/MS – Brasil

Resumo

Foi realizado um estudo de cunho qualitativo, com objetivo de reconhecer a percepção de alunos/as em relação à dança nas aulas de educação física. As informações foram obtidas por meio de um questionário estruturado, com sete questões abertas e, posteriormente, respondidas por 28 alunos/as matriculados/as nos 8º e 9º anos de uma escola da rede pública do município de Camapuã, no estado de Mato Grosso do Sul. O aspecto mais relevante foi se há ou não a ministração desse conteúdo dentro de suas aulas de educação física, pois, embora o conteúdo esteja claramente relacionado à disciplina, ainda há certa rejeição e preconceito por grande parte do público pesquisado, já que muitos relatos revelam a associação da disciplina somente a esportes e atividades recreativas, não aceitando da dança como conteúdo da referida disciplina.

Palavras-chave: Educação física, Dança, Percepção

Abstract

A qualitative study was carried out in order to recognize the students’ perception of dance in Physical Education classes. The information was obtained through a

¹ Fala de uma interlocutora deste estudo, nomeada aqui com “Aluna 10”.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001

questionnaire structured with seven open questions answered by 28 students enrolled in the 8th and 9th years of a public school in the municipality of Camapuã, state of Mato Grosso do Sul. The most relevant aspect was whether or not there is a ministrations of this content within Physical Education classes, because although the content is clearly related to the discipline there is still a certain rejection and prejudice from a great part of the public researched, since many reports reveal the association of the discipline only to sports and recreational activities. So dance is not accepted as content of Physical Education at School.

Keywords: Physical Education, Dance, Perception

Resumen

Se realizó un estudio de cuño cualitativo, con el objetivo de reconocer la percepción de alumnos/as en relación con la danza en las clases de Educación Física. Las informaciones fueron obtenidas por medio de un cuestionario estructurado con siete preguntas abiertas y, posteriormente contestadas por 28 alumnos/as matriculados/as en los 8º y 9º años de una escuela de la red pública del municipio de Camapuã, en el estado de Mato Grosso do Sul. El aspecto más relevante fue si hay o no la ministración de este contenido dentro de sus clases de Educación Física, pues aunque el contenido esté claramente relacionado a la asignatura, todavía hay cierto rechazo y prejuicio por gran parte del público investigado, ya que muchos relatos revelan la asociación de la asignatura sólo a deportes y actividades recreativas, no aceptando la danza como contenido de la referida asignatura.

Palabras Claves: Educación física, Danza, Percepción

1. Introdução

O presente artigo é resultado de uma pesquisa na área de educação física, a partir de uma motivação surgida quando uma das autoras deste trabalho foi executar uma das atividades relacionadas à disciplina de prática de ensino, em uma escola de ensino fundamental no município de Camapuã, estado de Mato Grosso do Sul (MS).

Ao desenvolver uma das atividades que havia planejado (conteúdo de dança), perceberam-se resistências por parte das/os alunas/os em desenvolver o que foi proposto para aquela aula. Notou-se também o quão as/os alunas/as se incomodaram com o que foi proposto enquanto atividade. Foi a partir desse contexto, que surgiu o interesse em analisar a percepção dos/as alunos/as nas aulas de educação física em relação à dança.

Cabe salientar que, na proposta contida tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL 1997), como na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL 2017), a dança é contemplada em algumas disciplinas curriculares das instituições escolares no Brasil, dando ênfase aos aspectos histórico-sociais das danças, suas várias manifestações nas diferentes culturas, contextos e épocas.

Segundo os PCN, a dança está presente no bloco de atividades rítmicas e expressivas, que tem como intuito “expressão e comunicação mediante gestos e a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal” (BRASIL 1997, p. 38).

Tais Parâmetros propõem a valorização da cultura corporal do movimento, utilizando-se da cultura popular, considerando os aspectos regionais e folclóricos, ou seja, locais em que:

Num país em que pulsam o samba, o bumba-meu-boi, o maracatu, o frevo, o afoxé, a catira, o baião, o xote, o xaxado, entre muitas outras manifestações, é surpreendente o fato de a educação física ter promovido apenas a prática de técnicas de ginástica e (eventualmente) danças europeias e americanas. A diversidade cultural que caracteriza o país tem na dança uma de suas expressões mais significativas, constituindo um amplo leque de possibilidades de aprendizagem. (BRASIL, 1997, p. 39)

O documento enfatiza ainda a importância de se levar a cultura popular de cada região para dentro da sala de aula, já que temos uma riqueza e variedade de ritmos e danças populares, não deixando de priorizar as danças típicas de cada região, uma vez que a dança tem essa possibilidade de expressar também o reconhecimento da diversidade cultural (BRASIL, 1997).

No currículo escolar, a dança deve ser compreendida de forma contextualizada, na qual não se ensina somente a técnica, nem só o movimento pelo movimento. O que se propõe é ampliar o seu universo, possibilitando a/o aluna/o ir além dos aspectos históricos, adquirindo, dessa forma, a percepção do seu ritmo próprio e grupal, bem como o desenvolvimento da noção espaço/tempo vinculada ao estímulo musical e ao silêncio com relação a si mesmo e ao outro. Sugere-se:

Por meio das danças e brincadeiras, os alunos poderão conhecer as qualidades do movimento expressivo como leve/pesado, forte/fraco, rápido/lento, fluido/interrompido, intensidade, duração, direção, sendo capaz de analisá-los a partir desses referenciais; conhecer algumas técnicas de execução de movimentos e utilizar-se delas; ser capazes de improvisar, de construir coreografias, e, por fim, de adotar atitudes de valorização e apreciação dessas manifestações expressivas. (BRASIL, 1997, p. 39)

Atualmente temos a BNCC, cuja proposta também insere e valoriza o ensino das danças como uma forma de experimentar, fruir e recriar, valorizando a diversidade cultural e respeitando a tradição das diferentes culturas, por meio de diversas vertentes/estilos de danças, como as danças de salão. “Dessa forma, há a

necessidade de planejar e utilizar estratégias para se apropriar dos elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças de salão” (BRASIL 2017, p. 225).

É importante ressaltar também que, de acordo com a BNCC, sugere-se discutir estereótipos e preconceitos relativos às danças de salão e demais práticas corporais, além de propor alternativas para sua superação. Também visa a analisar suas características (ritmos, gestos, coreografias e músicas), bem como suas transformações históricas e os grupos de origem (especificamente, para 8º e 9º anos do ensino fundamental) (BRASIL, 2017).

Assim, devemos buscar entender como o conteúdo dança e movimento corporal é tratado no ambiente escolar e como podemos planejar para deixá-los mais prazerosos para a/o aluna/o, pois percebemos que ainda existe certo receio por parte delas/eles em relação à dança nas aulas de educação física. Percebemos que a dança é comumente lembrada em festas ou datas comemorativas, e não como o conteúdo de uma disciplina específica, como citado nos PCN e BNCC, pois os/as alunos/as geralmente desconsideram a dança e supervalorizam o esporte.

Houve um pedido feito ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), em 2015, para que os membros dos Comitês Científicos dos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs) contribuíssem para a discussão a respeito da presença da dança como um dos conteúdos da educação física. Nesse período, a BNCC se encontrava em elaboração no âmbito do Ministério da Educação, Governo Federal, e esse pedido foi feito, por haver uma divergência no movimento de professores da área de dança a respeito da sua presença na BNCC (CBCE, 2015).

Segundo CBCE (2015), sugeriu-se que sete GTTs se reunissem e apresentassem argumentos que mantivessem a dança como conteúdo da educação física, apresentando estudos e considerando a realidade. Foram extraídos cinco GTTs: Corpo e Cultura; Escola; Formação Profissional e Mundo do Trabalho; Gênero; Lazer e Sociedade e Memórias da Educação Física e Esporte.

Segundo o documento, tais discussões quanto à atuação do/da professor/a na dança existem desde os anos 2000 no processo de ensino e aprendizagem escolar, e esses GTTs consideram a disputa de território sobre o conhecimento acerca da dança um erro de alinhamento cronológico, uma vez que ambas as disciplinas de artes e educação física fazem parte do âmbito das linguagens e seus códigos, em que

[...] estas questões emergem neste momento de consolidação da BNCC, momento que coincide com o recrudescimento de um embate surgido no início dos anos 2000

na política nacional referente à área da educação física, por consequência da criação do Conselho Federal de Educação Física – Confef, criado pela Lei nº 9696/98, e seus conselhos estaduais – Crefs, destinados a orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício das atividades próprias dos profissionais de educação física. (CBCE, 2015, p. 5)

A proposta do CBCE (2015) afirma que, nesse sentido, uma vez alinhadas, ambas as disciplinas poderão somar forças, para que “as inúmeras expressões, tanto da cultura corporal como das artes sejam contempladas na escola” (CBCE 2015, p. 4). Ressalta ainda a forma de se aprofundar o ensino das danças, ao envolver a coletividade da escola a partir de diferentes áreas do conhecimento.

Diante de tais apontamentos, o CBCE (2015) considera que o conceito de “cultura corporal de movimento é uma boa descrição para o saber-fazer do profissional de educação física, [...] compreendem que a dança é parte constituinte do conhecimento/conteúdo da área, embora não seja exclusiva dessa” (CBCE 2015, p. 7). Isso porque ela está presente na disciplina de artes.

Mediante as propostas do currículo da dança nas aulas de educação física, conforme os PCN e a BNCC, e, ainda assim, havendo certa desaprovação por parte dos/as alunos/as, chegou-se à problematização norteadora desta pesquisa:

Qual a percepção dos/as alunos/as do 8º e 9º ano de uma escola municipal de Camapuã (MS), em relação ao conteúdo dança nas aulas de educação física?

Diante de tal problematização, chegamos ao seguinte objetivo de pesquisa: analisar a percepção dos/as alunos/as em relação a dança nas aulas de educação física, para o 8º e 9º ano.

2. Breve revisão da literatura

Para Beltram e da Rosa (2013), o papel exercido pela educação física na escola tem como principal objetivo mediar as diferentes manifestações da Cultura Corporal do Movimento entre crianças e adolescentes. Diante disso, é de extrema importância que os/as alunos/as se sintam motivados/as a participarem das aulas e, a partir disso, demonstrem interesse pelos conteúdos apresentados como em qualquer atividade de aprendizagem – motivação em apreender.

No cotidiano, diante da realidade de uma geração imediatista, bem como muito relacionada às tecnologias de informação, percebe-se pouco incentivo às práticas de atividades voltadas às questões motoras. Os/as professores/as da disciplina de educação física atuam na contramão do sistema ou padrão vigente, que ainda

enxerga a referida disciplina ligada somente a esportes, sendo cada vez mais difícil, despertar o interesse dos/as alunos/as para conteúdos que fujam ao modelo tradicional de suas concepções (DARIDO; RANGEL, 2005).

O conhecimento sobre os fatores que atraem e afastam os/as alunos/as das aulas de educação física deve fazer parte das preocupações dos/as professores/as. Beltram e Rosa (2013) consideram que motivar os/as alunos/as é uma forma de ajudá-los/as a desenvolver suas capacidades físicas, motoras, cognitivas, afetivas, comunicacionais e psíquicas.

Portanto, torna-se imprescindível a condução de mais estudos sobre a percepção de alunos/as em relação à dança nas aulas de educação física, tratando questões como: dificuldades com a coordenação motora, desinteresse de inovação nas aulas, conteúdos repetitivos, falta de infraestrutura, habilidades mais desenvolvidas, inserção de novos conteúdos nas aulas, entre outros.

Venâncio et al. (2016) afirmam que a educação física, enquanto componente curricular da educação básica, deve introduzir e integrar o/a aluno/a na cultura corporal do movimento, de forma que ele/a consiga produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o/a para usufruir de diferentes aspectos motores, seja no jogo, esporte, lutas, atividades rítmicas/dança e ginásticas, dessa forma, ampliando os conhecimentos ligados à cultura corporal de movimento.

Gallardo (2002) enfatiza que a dança, inserida nas aulas de educação física, proporciona aos/as alunos/as que experimentem e se apropriem dessa possibilidade de manifestação corporal. O interesse pedagógico não deve estar centrado no domínio técnico do conhecimento trabalhado, mas, sim, na possibilidade de incorporação das muitas técnicas de execução que possibilitem a sua transferência para várias outras situações ou contextos cotidianos.

O autor também propõe uma classificação das danças segundo sua origem, a fim de facilitar a delimitação desse conteúdo na escola. Dito isso, é possível privilegiar as danças tradicionais ou folclóricas, por representarem a cultura particular de uma região, e as danças populares que são veiculadas pelos meios de comunicação e praticadas pela comunidade. Ressaltamos aqui a importância do/a professor/a em reconhecer esse tipo de dança como relevante e propício para o âmbito escolar.

Nesse sentido, para Nanni (2001), a seleção de conteúdos deverá se aproximar da realidade escolar, para que alcance uma perspectiva dinâmica voltada ao

desenvolvimento integral do/a aluno/a, no que se refere à área psicomotora, afetiva e cognitiva.

Souza et al. (2010), ao defenderem a prática da dança na escola, acreditam que ela pode contribuir para a formação da criança e adolescente, na medida em que as ações educativa, criadora e ativa estiverem centradas no/a aluno/a. Percebe-se que, comumente, ao se trabalhar a dança no âmbito escolar, o foco está apenas em aplicá-la de forma esporádica que resulte em um belo espetáculo de curto prazo, fugindo dos encaminhamentos propostos no PCN e na BNCC.

Gaspari (2005) sugere que a dança na educação física escolar tenha, pelo menos, o mesmo tempo devotado a outros conteúdos, como no caso dos esportes, da ginástica, das lutas, entre outros, já que se trata de um conteúdo a ser trabalhado e desenvolvido como todos os outros.

Souza et al. (2010) ressaltam que a prática da dança nas aulas de educação física ainda se realiza de forma muito restrita. Isso se dá por diversos motivos. Um deles está ligado à pouca ou não existência de formação de professores/as para trabalharem esse conteúdo, embora sugiram um crescimento nas principais universidades em relação à ampliação da formação.

Tais autores/a ainda pautam a respeito da dança nas universidades onde estão introduzidas nos cursos de educação física, artes além da graduação de dança, considerando que, no meio escolar, a dança pode ser aplicada nas aulas de educação física e de artes, além de aulas extracurriculares oferecidas na escola.

3. Aspectos metodológicos

3.1. Tipo de pesquisa

Esta é uma pesquisa qualitativa, cuja característica principal, conforme Günther (2006), é basear-se em textos, com caráter processual e reflexivo. Para a composição e interpretação de dados, foi realizada uma análise de conteúdo que, segundo Caregnato e Mutti (2006), é uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, não em um sentido isolado, mas contextualizando-a e resultando em sentidos e significados abrangentes. Depois de obtermos as palavras centrais dos discursos das percepções dos/as alunos/as, elas se constituem em categorias de análise, que permitem aprofundar o objeto de investigação.

3.2. Público-alvo e contexto

A escola participante possui 130 alunos/as matriculados/as. Desses, participaram os/as alunos/as do 8º e 9º ano de uma escola da rede pública do município de Camapuã (MS). Os questionários foram entregues pessoalmente na escola, especificamente, no horário da aula de educação física. Para esse levantamento, foram entregues 28 questionários, que foram respondidos e devolvidos à pesquisadora responsável pela aplicação, na mesma data, no período de agosto de 2018.

3.3. Procedimentos

Para a coleta de dados, foi utilizado, como instrumento de pesquisa, um questionário, elaborado pelos/a autores/a e validado por uma banca de professores, em um processo qualificatório que antecedeu a realização do campo. Esse instrumento foi composto por sete perguntas fechadas, mistas e abertas, além de informações sobre idade e ano frequentado.

Realizou-se um estudo piloto com três alunos/as, no qual verificamos a eficácia do nosso questionário base. Dessa forma, visamos a compreender a aplicabilidade e as possíveis dificuldades enfrentadas pelo público-alvo em seu preenchimento. Após a realização desse piloto, não identificamos a necessidade de modificações no referido instrumento.

Em campo, o questionário foi aplicado de forma individual. Cada aluno/a respondeu, expressando sua identificação com a dança, se gosta ou não, se tem facilidade, se tem vivência com a dança dentro das aulas de educação física.

Os 28 questionários respondidos foram identificados com o substantivo “Aluno/a”, respeitando o gênero de cada um e a numeração como forma dos/as alunos/as não serem identificados/as. Com todos os dados levantados, foi feita uma análise de conteúdo, e formamos quadros que trazem as principais categorias encontradas. Ao longo do texto, há também alguns relatos dos sujeitos pesquisados.

Cada questionário foi revisto questão por questão e separados por respostas que se repetiam, formando núcleos para serem analisados teoricamente. Assim, selecionamos as falas dos/as próprios/as alunos/as, que foram obtidas através das questões abertas do instrumento de pesquisa. Alguns relatos não foram utilizados na discussão da pesquisa, pois selecionamos as respostas que foram mais relevantes

para o tema. Vale ressaltar que as opiniões dos/as alunos/as foram redigidas sem correções de suas falas quanto à linguagem formal.

Foi realizada uma seleção das respostas dos/as alunos/as; para isso, foi necessária uma análise minuciosa das respostas para se chegar ao núcleo, que é a “palavra” que auxilia na compreensão dos relatos. Procuramos selecionar as informações que traziam uma relevância para a análise, as “sem núcleos” são respostas que não puderam ser analisadas de forma teórica.

Para fundamentar os núcleos, tornou-se necessário embasá-los em autores/as, confrontando nossos resultados com as reflexões teóricas.

4. Análises dos dados

A média de idade dos/as alunos/as foi de 14 anos e 2 meses, 12 anos, a idade mínima, e 30 anos, a idade máxima. Desses, 10 meninos e 18 meninas, somando assim o total de 28 alunos/as de 8º e 9º anos.

Uma vez que, para 16 alunos/as, a dança é ensinada nas aulas de educação física e, para 12 alunos/as, ela não é ensinada, fica confusa a interpretação e entendimento dos/a pesquisadores/a sobre esses dados. O que paira sob uma possível análise seria o fato de cada aluno/a ter seu entendimento/perspectiva sobre o que é dança, assim divergindo em suas respostas.

Posteriormente, foi perguntado se eles/as gostam da prática da dança em suas aulas de educação física. Vinte disseram que SIM, e oito que NÃO. Observamos que sete alunos que responderam NÃO na questão 1 repetiram a resposta na questão 2 e cinco alunos que responderam NÃO na questão 1 responderam SIM na questão 2.

Notamos que há uma contradição nas respostas, o que reforça a ideia de que possa ser um erro de interpretação do instrumento de pesquisa por parte dos/as alunos/as, ou uma divergência quanto ao entendimento do que é dança. Há também uma possibilidade de a dança ser ou não aplicada pelo/a professor/a.

Ao que versa sobre uma definição do que é dança, dialogamos com Moraes (2010, p. 16) quando ele diz:

[...] é a arte que passa pelo corpo, conduzida e dominada pelo corpo, e não o corpo usado pela arte. O movimento produzido intencionalmente pelo corpo pode produzir arte se isso for sugerido. Pode-se correr, saltar e girar com ritmo, suavidade, elegância, beleza, charme, dinâmica, expressividade etc. Nesse sentido, o professor de educação física, que quer usar a dança como seu conteúdo, vai preocupar-se com a capacidade do corpo de produzir movimentos vinculados ao campo da arte.

Quando perguntado por que gostam, chegamos às seguintes respostas como mostra o quadro a seguir.

Quadro 1. Gosto pela prática da dança

Núcleo SIM	Quantidade
Sem Núcleo	07
Corpo	03
Diferente	02
Distração/diversão	01
Sentimentos	01
Não é permitido	01
Exercício	01
Aprendizado	01
Mora em Fazenda	01
Bem estar	01
Criatividade	01

Podemos notar que para alguns/as alunos/as, a dança é relacionada ao corpo, bem-estar e exercício físico, como cita a aluna 08: “Porque, às vezes, eu fico muito parada, e a dança me ajuda a fazer exercícios e me faz bem”.

Szuster (2011) afirma que a dança é um tipo de atividade física que possibilita ao aluno/a melhorar sua saúde, bem-estar e capacidades físicas: “A dança como atividade física proporciona melhor elasticidade muscular, melhora movimentos articulares, além de diminuir o risco de doenças cardiovasculares, problemas no aparelho locomotor e o sedentarismo, reduzindo o índice de depressão (p. 29).

A autora ainda ressalta que a prática da dança como exercício físico leva o/a aluno/a a ter mais motivação, autoestima e autoconfiança, sentindo-se mais tranquilo e mais alegre consigo mesmo e com os/as outros/as ao seu redor.

Dois alunos/as ressaltam que a dança é encarada como algo diferente, por não ser habitual a aplicação desse conteúdo em suas aulas de educação física. Alguns/as associam a dança basicamente a ritmo e gosto musical, como a aluna 10, “Porque eu gosto e principalmente funk, mas a professora não permite”.

Levando em consideração a fala da aluna 10, é relevante questionar o porquê de o funk, mesmo estando em ascensão em nossa sociedade, ainda ser tido como um tipo de música/dança indesejável, inclusive pela comunidade escolar. Há, nesse sentido, uma resistência que precisa ser questionada e problematizada, pois o funk, originalmente, é uma manifestação cultural popular, que tem, em suas letras, a realidade da periferia.

Segundo Herschmann (2005), “Esses cantores/compositores prestam também homenagem a seus locais de origem, transformando-os em tema central (ou secundário) do rap” (p. 166), uma vez que a ideia é homenagear e reconhecer seus lugares de fala.

Ferreira et al (2017) ressaltam a importância de se atualizar os pensamentos e vermos a educação física como uma prática cultural, considerando a diversidade e olhar o “novo”, não apenas como um meio de intervenção, mas sim como uma forma de relação, com intuito de sempre agregar mais conhecimento. Nesse sentido,

Ainda considerando a mediação do professor, o encontro e o confronto dos saberes dispostos nas culturas do adulto e nas culturas infantis podem auxiliar a construção de conhecimentos sistematizados e específicos sobre a aula de educação física. Por meio de comparações que não buscam a igualdade, mas que constroem novos conhecimentos a partir da diferença, o professor pode propor situações que estimulem as crianças a divulgar seus entendimentos e, nesse sentido, um novo conhecimento seria elaborado sobre a constituição cultural do corpo, partindo dos conhecimentos próprios das culturas infantis. (FERREIRA et al., 2017, p. 1226)

O público pesquisado ainda afirmou gostar do conteúdo dança nas aulas, associando-o à diversão e por ser, de certo modo, uma aula diferente das que estão acostumados, fugindo dos esportivos, como cita a aluna 28, “Porque é legal, nós aprendemos coisas novas”.

Diante das respostas negativas à questão, chegamos ao seguinte quadro, como demonstrado abaixo:

Quadro 2. O não gosto pela prática da dança

Núcleo NÃO	Quantidade
Não gosto	05
Esporte	02
Exercício	01
Não é ensinado	01

O quadro acima aponta que cinco alunos/as responderam não gostar da dança, e, ao perguntarmos o motivo, eles não justificaram suas respostas. Outros/as dois/as não a associam à aula, por acharem que o conteúdo não se enquadra na disciplina de educação física, delimitando-a somente a esportes costumeiros, não percebendo que a educação física vai além dos esportes. Segundo Tibeau (2006), “Tradicionalmente os professores de educação física sempre privilegiaram os esportes como conteúdos de suas aulas, acreditando (ou não) que eles seriam os melhores (ou únicos) instrumentos para o alcance de objetivos educacionais (p. 54).

Como cita a autora, pode haver também uma resistência por parte do/a professor/a, no momento de levar para a prática o conteúdo dança. Ela também diz que, nos cursos de formação, os/as acadêmicos/as valorizam esse tipo de conteúdo na teoria, mas não costumam utilizá-los na prática.

Quando perguntado o que eles/elas gostam nas aulas de dança ensinadas na educação física, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 3. Aspectos positivos

O que gostam	Quantidade
Passos	06
Nada	05
Não ensinam	04
Sem núcleo	04
Não fazemos	03
Trabalho em grupo	02
Música	02
Não respondeu	02
Aprendizado	01
Ginásticas Artísticas	01
Tipos de danças	01

Notamos que as opiniões foram diversas. Seis alunos/as responderam que o que mais gostam são dos passos coreográficos ensinados nas aulas, tudo que traz, de alguma maneira, o novo, como um modo de fugir do cotidiano das aulas, isso os/as encanta. Dezesesseis alunos disseram que a dança não é ensinada nas aulas de educação física, que não fazem ou deram respostas sem núcleos, ou simplesmente que “nada”, ressaltando, mais uma vez, as questões levantadas no texto acima.

Percebemos, diante de algumas respostas, que a dança se associa ao trabalho coletivo, ao grupo, e assim colabora para o convívio da sala e ajuda a trabalhar certos aspectos como, por exemplo, a timidez e a socialização, como cita a aluna 16, “De participar em grupo, de ter parceiro, de saber lidar com as pessoas”.

Dito isso, cabe salientar que, segundo Barreto (2004), a dança no âmbito escolar tem como objetivo oportunizar o autoconhecimento, estimular a expressão corporal, possibilitar o diálogo não verbal substituindo-o por outros meios de comunicação corporal, proporcionar relações com os/as demais alunos/as e com o mundo, contribuir de modo a favorecer relações equilibradas e harmoniosas entre os demais.

Para a autora, o/a professor/a tem como papel permitir que o/a aluno/a seja ele/a mesmo/a, dando oportunidade para que trilhe seus próprios caminhos, suas próprias escolhas, dando-lhe liberdade de expressão.

De acordo com os dados coletados, dois alunos/as relataram gostar especificamente da música e, assim, poder expressá-la na forma da dança, como cita o aluno 26, “Eu gosto da melodia da música, você pode expressar o que a música quer dizer na dança”.

A expressão corporal é um modo de comunicação, através do qual, podemos transmitir nossas emoções e sentimentos, por meio de gestos e movimentos. Segundo Nanni (2005, p. 47),

[...] um valor físico-performático maior sob a perspectiva artístico-cultural, essa atividade possui inúmeras possibilidades educacionais. Acreditamos que a dança pode prestar contribuição significativa para a melhoria da consciência corporal, com a aplicação no desenvolvimento da autoimagem, do autoconhecimento e da autoestima do educando.

Diante disso, podemos entender que a expressão corporal é um dentre outros benefícios da dança nas aulas de educação física escolar. Segundo Tibeau (2006, p. 60), “O Ritmo, a Música, a Dança, o Folclore coloca[m] em jogo percepções espaço-temporais, memorizações gestuais, improvisação e criações expressivas ilimitadas, além do fator de socialização que lhes é inerente”.

Para a autora, as atividades rítmicas contribuem para um aumento da conexão do corpo, melhorando o aspecto psicomotor, proporcionando autonomia de cada aluno/a e desempenhando o trabalho em grupo.

Também foi questionado o que eles não gostam do conteúdo dança nas aulas, e obtivemos as seguintes respostas como mostra o Quadro 4.

Quadro 4. Aspectos negativos

O que NÃO gostam	Quantidade
Nada	04
Não é ensinado	04
Não fazemos	04
Sem núcleo	04
Passos	03
Tempo	02
A professora	01
Os gritos	01
Alongamento	01
Ritmo	01
Não gosta da dança	01

Grande parte dos/as alunos/as não demonstra muito interesse pelo assunto, como podemos analisar no quadro anterior, sendo 16 alunos/as que responderam que “nada, não é ensinado, não fazemos, sem núcleo”. Desse modo, notamos que ficam ainda mais evidentes as questões já discutidas.

Três alunos/as disseram que não gostam dos passos, que, supostamente, são ensinados, considerados por eles/elas, como “Certos passos que são difíceis” (Aluna 13).

De acordo com Rangel (2002),

O trabalho da dança educacional, quando preocupado em deixar fluir dos educandos suas emoções, seus anseios e desejos, através dos movimentos que não necessariamente envolvam a técnica, [permitirá] que o sujeito se revele e desperte para o mundo, numa relação consigo e com os outros, de forma consciente. (p. 56)

Conforme ressaltado, a dança como conteúdo no âmbito escolar não deve ser cobrada com perfeccionismo e nem com movimentos robóticos, já que existem outras formas não mecanicistas de ser trabalhada. O/a professor/a deve evitar que esse modo de reprodução do que já é visto de coreografias já prontas se torne hegemônico nas aulas, pois, assim, o sentido do aprendizado fica fragilizado.

Como também foi visto no Quadro 4, duas alunas alegaram que o tempo ou a falta dele também é um fator negativo na prática das atividades vinculadas ao conteúdo dança, nas aulas de educação física: “Eu não gosto quando bate o sino, porque daí a gente fica querendo sempre mais” (Aluna 28). Segundo ela, as aulas não têm durabilidade suficiente para que as atividades sejam aplicadas, de forma que dê tempo de terminar o que foi proposto pelo/a professor/a.

Diante dessas considerações, é importante destacar que todas as aulas têm a mesma durabilidade de 50 minutos, e que a aluna ressaltou o quanto são prazerosas as atividades desse conteúdo em questão, por ser uma aula diferente das habituais.

Por fim, quatro alunos/as mencionam a existência de “gritos”, a aplicação de “alongamentos” e o ensino do “ritmo”. Em relação ao grito no contexto escolar, Xavier e Barbosa (2015) entendem que, ao usar o grito como uma estratégia de chamar atenção do outro/a, o que se gera são novos gritos tencionando o processo de ensino e aprendizagem.

No que diz respeito ao ritmo, Silva (2013) menciona que ele compõe um dos saberes próprios da dança. No sentido de exemplificar o seu uso em uma atividade

prática, propõe que os/as alunos/as vivenciem diferentes ritmos, articulando o ritmo musical às vertentes/estilos de dança.

No que tange ao alongamento, segundo Coppo et al. (2015), não existe um consenso em relação à sua aplicabilidade nas diferentes práticas corporais. Existem dúvidas procedimentais e técnicas, embora não se negue a sua importância.

Podemos atribuir essas respostas à forma como talvez a dança esteja sendo aplicada nas aulas, ou como alguns alunos/as a estejam percebendo. Segundo Marques (1997), a questão fundamental no trato da dança na escola estaria ligada à formação dos profissionais. A autora diz que

[...] ainda temos dificuldades no Brasil para obtermos informações, temos experiências práticas e discussões críticas em relação ao ensino da dança. Na grande maioria dos casos, professores (as) não sabem exatamente o que, como ou até mesmo por que ensinar dança na escola. (MARQUES, 1997, p. 22)

Diante do exposto, podemos perceber que, mesmo que haja uma vontade do/a professor/a em aplicar esse conteúdo, ainda faltam incentivos no sentido de capacitação por parte dos/as gestores/as educacionais, pois, para que o/a professor/a estimule a prática do conteúdo em suas aulas, bem como os/as alunos/as consigam ter uma atuação com coerência com o que está sendo proporcionado pela atividade proposta, é necessário, antes, haver cursos que os/as capacitem.

Perguntamos se os/as alunos/as gostariam de ter mais possibilidade de vivenciar a dança em suas aulas de educação física.

Quadro 5. A vivência da dança pelos/as alunos/as

Núcleo SIM	Quantidade
Sem Núcleo	07
Aprender	05
Corpo	02
Ritmo	02
Bem-estar	01
Saúde	01
Sentimentos	01
Descontrair	01
Cultura	01

Nesse quadro, vemos que cinco alunos/as disseram que seria uma forma a mais de aprendizado. Assim, entendemos que, para alguns/as deles/as, a dança é algo muito novo mesmo, mesmo já estando incluída nos PCN desde 1997.

Analizamos também que dois alunos/as relacionaram suas respostas ao corpo, alegando que a dança é uma forma de se exercitar, colaborando para o bem-estar, como já discutimos anteriormente. Outros dois associaram suas respostas a ritmo. Segundo o aluno 26, “Porque poucas pessoas que sabem ritmo e molejo, então, uma boa aula de dança pode ajudar, por isso, eu acho que tem que ter dança nas aulas”.

Conforme a sua fala, percebemos a importância da dança, e que, diferente de como tínhamos visto anteriormente, alguns alunos percebem como o conteúdo pode contribuir para as aulas e para o âmbito escolar, embora sete alunos/as não tenham conseguido expor as razões e/ou explicações em relação ao interesse pela vivência da dança.

Os/as alunos/as associaram também o conteúdo à saúde, sentimentos, cultura e uma forma de descontração e divertimento, contribuindo para as constatações de Verderi (2009), quando relata os benefícios da dança:

Como benefício no desenvolvimento social, devemos criar condições para que se estabeleçam relações com as pessoas e com o mundo; no desenvolvimento biológico, o conhecimento de seu corpo e de suas possibilidades; no desenvolvimento intelectual, contribuir para a evolução do cognitivo; e no filosófico, contribuir para o autocontrole, para o questionamento e para a compreensão do mundo. (p. 69)

No Quadro 6, mostramos as respostas que tiveram seu núcleo centrado na relevância da prática de dança.

Quadro 6. Aspectos relevantes sobre a dança na visão do público-alvo

Importância da Dança	Quantidade
Exercícios	07
Corpo	07
Sem núcleo	05
Aprendizado	03
Não dança	03
Diversão	02
Em branco	02
Ritmo	01
Motivação	01
Passos	01
Desenvolvimento	01
Aquecimento	01
Nada	01

Mais uma vez, um número considerável de alunos/as teve suas respostas relacionadas a corpo e exercício físico, mostrando, assim, a ligação que, segundo eles, existe da dança com a educação física. Dois alunos/as deixaram em branco sua

resposta, três relataram que seria uma forma de aprendizado e outros três disseram que não têm interesse no conteúdo, pois não dançam.

A dança é ressaltada por dois alunos/as como uma forma de diversão, demonstrando, novamente, que eles a associam com uma forma lúdica e descontraída de aula. Alguns/mas alunos/as atribuem o conteúdo em questão ao desenvolvimento motor, ao aquecimento antes de qualquer outra atividade e à motivação, dizendo que dança e expressão corporal são de suma importância para as atividades ligadas à autoestima e saúde.

Deixamos a última questão para que os/as alunos/as pudessem comentar de forma livre algo a mais sobre a pesquisa que não tivesse sido perguntado. Vinte e cinco alunos/as não quiseram se manifestar, três deixaram suas considerações finais sobre o tema pesquisado.

Faz-se importante ressaltar que, segundo a aluna 25, “Eu odeio como os outros alunos reagem se houvesse dança nas aulas de educação física”. Nessa citação, percebemos que, por parte dos/as alunos/as, a dança ainda não é bem vista e aceita.

Essa negação da participação da dança enquanto conteúdo, como vimos no decorrer deste artigo, piora quando ela é associada ao funk, por mais que existam discentes, como a Aluna 10, que defende a inserção do funk, “Sim, 100% funk nas aulas e 100% a professora Daniele e 0% professora Silvana³”.

De acordo com Xavier, Almeida e Gomes (2018):

[...] a inserção desse elemento cultural entre os saberes educacionais permanece invisível, devido à visão de educadores que enxergam o ritmo como algo inapropriado a esse espaço. Porém, as questões polêmicas que cercam o funk não podem servir de justificativas para a invisibilidade pedagógica do ritmo, uma vez que as questões relacionadas à sexualidade acerbadada e criminalidade podem ser tratadas como maneiras de se discutir junto com os alunos a apropriação desses temas pelo ritmo. (p. 549)

Consideramos que a resistência ao funk se dá devido a muitas letras serem compostas por palavreados muito sexualizados e de linguagem de duplo sentido que algumas músicas desse estilo apresentam. Mesmo assim, vale salientar que essa é uma das vertentes do funk, pois existem aqueles ditos como “funk comerciais” que fogem um pouco do contexto sexual. Destaca-se que esse estilo musical, na escola aqui analisada, não está presente nas aulas. Entretanto, é inegável que, com

³ Os nomes foram modificados, por uma questão ética.

ascensão de celulares e *tablets*, os/as alunos/as não o deixam de escutar/dançar, ainda no âmbito escolar, nos pátios e corredores.

Quando se trata da realidade fora dos muros da escola, isso se torna ainda mais frequente, pois é recorrente observarmos crianças e adolescentes ouvindo nas ruas, em praça, nos trajetos até a escola, nos ônibus, por exemplo, e em suas próprias casas.

Essa é uma questão que deve ser melhor analisada, já que o estilo está presente em outros lugares, onde os/as alunos/as têm possibilidade de ouvir. Sendo assim, entende-se o funk como parte da cultura e, portanto, deve estar presente nas escolas com a devida orientação pedagógica. Podemos considerar, assim, como um dos pontos principais desta pesquisa, que a resistência ao ensino do funk deve ser compreendida não como unilateral, centralizando no/na aluno/na ou no/na professor/a. Compreendemos como multifatorial a não aplicação desse conteúdo na educação física, em que devemos considerar diferentes sujeitos (alunos/as, professores/as, diretores/as, pais e mães) e instituições (família, Igreja, polícia, escola), como elementos centrais na análise da existência ou não do funk na escola.

Segundo Tomazzoni (2005, p.47), “As danças que não frequentavam o circuito de espetáculos nos palcos das grandes cidades ganham uma arena privilegiada: a tela da televisão”. O autor diz que a dança era vista, no século IV, pela sociedade, de forma platônica, culta, clássica, e sua postura mais lúdica não era vista em grandes espetáculos. Entretanto, a partir dos anos de 1950, com movimentos mais dançantes, ela ganha espaço nas mídias, como TV e rádios, caindo no gosto popular (TOMAZZONI, 2005).

Portanto, já que a mídia é uma grande ferramenta de intervenção para crianças e adolescentes, que possibilita o acesso a todos os gêneros e estilos musicais, nada mais cabível que, no âmbito escolar, seja trabalhada, já que o/a professor/a têm como uma de suas funções estimular a capacidade de cada aluno/a a sedimentar sua própria opinião, formando, assim, alunos/as conscientes e reflexivos/as.

5. Considerações finais

Considerando que a dança é um conteúdo obrigatório nas disciplinas de educação física e artes apresentadas nos PCN (1997) e nas BNCC (2017), buscamos,

por meio desta pesquisa, detectar, de modo geral, a percepção de alunos/as de 8º e 9º ano do ensino fundamental sobre a Dança nas aulas de educação física.

Embora alguns/mas tenham apresentado o interesse pelo conteúdo, houve certa reprovação por parte da maioria dos/as alunos/as. Podemos associar esse resultado a vários fatores. O principal seria se a dança está ou não incluída como conteúdo nas aulas de educação física, já que o público pesquisado ficou dividido sobre essa questão. Portanto, não podemos afirmar isso com exatidão.

Outro aspecto relevante que observamos foi à falta de compreensão do tema da pesquisa. Alguns/mas alunos/as não associaram a dança a um conteúdo aplicado em suas aulas. Houve também certo preconceito por parte de alguns/mas alunos/as, ao dizerem entender que a educação física é uma disciplina ligada somente aos esportes.

Entretanto, alguns relatos associaram o conteúdo a uma forma de exercício físico, expressão corporal, ritmo, expondo que é um meio de expressar seus sentimentos por via de movimentos e de socialização. Por outro lado, algumas percepções remetem a aspectos negativos, como, por exemplo, o pouco tempo de aula e de passos coreográficos considerados por eles/elas complexos.

Por fim, consideramos que há necessidade de outros estudos que contemplem a realidade das escolas, no que diz respeito à educação física e ao conteúdo dança, mais especificamente o funk, uma vez que esse é um ritmo musical e um estilo de dança marginalizado. É preciso entender, de forma direta no espaço escolar, os fatores existentes do seu (não) ensino nas aulas. Diante dessas considerações, percebemos que esse tema tem ainda muito que ser analisado, tanto pelo olhar do/a aluno/a, bem como pelo dos/as professores/as.

Referências bibliográficas

BARRETO, Débora. *Dança... Ensino, sentidos e possibilidades na escola*. Campinas: Autores Associados, 2004.

BELTRAM, Luíse Pinto; ROSA, Andrio Rogério Martins da. Motivação nas aulas de educação física escolar: experiências e reflexões do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). *EFDeportes.com Revista Digital*, ano 18, n. 185, p. 1-5, out 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 13 abr. 2018

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais* (educação física). Brasília: MEC; Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- _____. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; Secretaria de Educação Básica, 2017.
- CAREGNATO, Rita Catalina; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. *Texto Contexto Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 678-684, out-dez 2006.
- CBCE (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte). *Sobre a dança na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) da educação física escolar*. Contribuições dos GTTs: Corpo e cultura; Escola; Gênero; Lazer e Sociedade; Memórias da Educação Física Escolar. Porto Alegre: CBCE, 2015.
- COPPO, Juliana et al. Efeitos musculares agudos e crônicos do alongamento estático e da FNP durante o salto vertical. *Saúde e Pesquisa*, v. 8, n. 2, p. 217-223, 2015.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene C. A. (Coords.). *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- FERREIRA, Flávia Martinelli; DAOLIO, Jocimar; ALMEIDA, Dulce Filgueira de. Da cultura do corpo das crianças: diferenças e significados produzidos nas aulas de educação física. *Movimento*, v. 23, p. 1217-1228, 2017.
- GALLARDO, Jorge Sérgio Perez. *Discussões preliminares sobre os objetivos de formação humana e capacitação para a educação física escolar, do berçário até a quarta série do ensino fundamental*. 2002. Tese (Livre Docência em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- GASPARI, Telma Cristina. *Educação física escolar e dança: uma proposta de intervenção*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.
- GÜINTER, Hartmut. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, mai-ago 2006.
- HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- MARQUES, Isabel. Dançando na escola. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 3, n. 1, jun 1997.
- MORAES, Antônio Carlos. *Conhecimento e metodologia do ensino da dança*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo; Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2010.
- NANNI, Dionísia. *Dança-educação: pré-escola à universidade*. 3ªed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- _____. O ensino da dança na estruturação/expansão da consciência corporal e da autoestima do educando. *Fitness & Performance Journal*, v. 4, n. 1, p. 45-57, 2005.

RANGEL, Nilda B. C. *Dança educação, educação física: propostas de ensino da dança e o universo da educação física*. São Paulo: Fontoura, 2002.

SILVA, Erineusa Maria da. *Oficina de docência em dança*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo; Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2013.

SOUZA, Pires de Nilza Coqueiro; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; CARAMASCHI, Sandro. A dança na escola: um sério problema a ser resolvido. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 16, n. 2, p. 496-505, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/8356>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SZUSTER, Lia. Estudo qualitativo sobre a prática da dança como atividade física em mulheres acima de 50 anos. 2011. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br/distraem/handle>. Acesso em: 16 out. 2018.

TIBEAU, Cynthia C. Pasqua M. Motricidade e música: aspectos relevantes das atividades rítmicas como conteúdo da educação física. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, v. 1, n. 2, p. 53-62, jun 2006.

TOMAZZONI, Airton. O zoológico dançante da TV: lacraias, cachorras, tigrões e outros bichos. In: PEREIRA, Roberto (Coord.). *Lições de Dança 5*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2005. p.39-53

VENÂNCIO, Luciana et al. Modos de abordar a aprendizagem na educação física Escolar. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, v. 2, p. 33-53, 2016.

VERDERI, Érica L. P. *Dança na escola uma proposta pedagógica*. São Paulo: Phorte, 2009.

XAVIER, Fernanda; ALMEIDA, Felipe Quintão; GOMES, Ivan. A relação do funk com a cultura escolar: entre dilemas e tensões. *Pensar a Prática*, v. 21, n. 3, set 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/46910>>. Acesso em: 08 dez 2018.

XAVIER, João Paulo; BARBOSA, Adriana Fernandes. HURT, Indisciplina, hostilidade no ambiente escolar e o abandono do magistério: as experiências de uma ex-professora da rede pública de Belo Horizonte. *Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 14, n. 21, p. 385-397, 2015.